

UNIVERSIDADE FEDERAL DOS VALES DO JEQUITINHONHA E MUCURI

Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Ensino em Saúde

Herlon Fernandes Almeida

O SER PRECEPTOR NA ENFERMAGEM: do entendimento às contribuições

Diamantina

2016

Herlon Fernandes Almeida

O SER PRECEPTOR NA ENFERMAGEM: do entendimento às contribuições

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Ensino em Saúde da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri - UFVJM, como requisito para obtenção de título de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Geraldo Cunha Cury

Diamantina

2016

Ficha Catalográfica – Serviço de Bibliotecas/UFVJM
Bibliotecário Anderson César de Oliveira Silva, CRB6 – 2618.

A447s

Almeida, Herlon Fernandes de

O ser preceptor na enfermagem: do entedimento às contribuições /
Herlon Fernandes de Almeida. – Diamantina, 2016.
32 p.

Orientador: Geraldo Cunha Cury

Dissertação (Mestrado Profissional – Programa de Pós-Graduação
em Ensino em Saúde) - Universidade Federal dos Vales do
Jequitinhonha e Mucuri.

1. Preceptoria. 2. Enfermagem. 3. Estágio. I. Título.
II. Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri.

CDD 610.7

Elaborado com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

HERLON FERNANDES DE ALMEIDA

O SER PRECEPTOR NA ENFERMAGEM: do entendimento às contribuições

Dissertação apresentada ao
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO
EM ENSINO EM SAÚDE, nível de
MESTRADO como parte dos requisitos
para obtenção do título de MAGISTER
SCIENTIAE EM ENSINO EM SAÚDE

Orientador: Prof. Dr. Geraldo Cunha
Cury

Data da aprovação: 31/10/2016


Prof. Ms. PAULO HENRIQUE DA CRUZ FERREIRA - SCCD


Prof.ª Dr.ª LUCIANA DE FREITAS CAMPOS - UFVJM


Prof. Dr. GERALDO CUNHA CURY - UFVJM

DIAMANTINA

“A menos que modifiquemos a nossa maneira de pensar, não seremos capazes de resolver os problemas causados pela forma como nos acostumamos a ver o mundo”.

(Albert Einstein)

SUMÁRIO

1 OBJETIVOS	7
1.1 Objetivo geral	7
1.2 Objetivos específicos	7
2 ARTIGO: O SER PRECEPTOR NA ENFERMAGEM: do entendimento às contribuições.	8
RESUMO	8
ABSTRACT	10
3 INTRODUÇÃO	11
4 PERCURSO METODOLÓGICO	13
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO	14
5.1 Estágio supervisionado e suas contribuições	15
5.2 O ser preceptor na formação acadêmica	16
5.3 Integração academia e serviço de saúde	19
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
REFERÊNCIAS	24
ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	27
ANEXO B - PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA E PESQUISA	29
APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA	32

1 OBJETIVOS

1.1 Objetivo Geral

Estudar a compreensão dos enfermeiros atuantes em uma instituição de saúde, cenário de ensino aprendizagem do curso de graduação em enfermagem da UFVJM, sobre o ser preceptor no processo de formação dos discentes deste curso.

1.2 Objetivos Específicos

- Estudar o entendimento dos enfermeiros sobre a atuação enquanto preceptores nos campos de estágio.
- Identificar os papéis do enfermeiro preceptor e do enfermeiro docente no desenvolvimento do estágio.
- Estudar a integração existente entre a academia e a instituição de saúde em relação ao estágio supervisionado.

2 ARTIGO: O SER PRECEPTOR NA ENFERMAGEM: do entendimento às contribuições

Herlon Fernandes de Almeida*

Geraldo Cunha Cury**

RESUMO

O estágio supervisionado é disciplina obrigatória no currículo do curso de enfermagem em atendimento às normas constantes na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Diretrizes Curriculares Nacionais de Enfermagem, dentre outras normatizações de âmbito nacional, estadual e institucional. A efetivação desta prática de estágio é feita a partir de convênios celebrados entre a instituição de ensino superior e as de saúde, que recebem os estagiários em processo de formação nos dois últimos semestres do curso de enfermagem. Neste processo os profissionais que atuam na instituição de saúde assumem a função de preceptor, responsáveis por acompanhar, orientar e avaliar os discentes na práxis cotidiana do profissional de enfermagem. A contribuição desses profissionais na construção do conhecimento teórico/prático dos estagiários vai também ao encontro dos preceitos contidos no artigo 6º da lei nº 8080/90 do Sistema Único de Saúde (SUS). Durante o processo de estágio, o docente, titular da disciplina é o corresponsável pelo acompanhamento, avaliação e orientação das ações desenvolvidas pelos alunos, conforme plano de ensino e projeto de estágio. Com base na experiência adquirida quando na função de professor substituto do curso de enfermagem atuando em campos de estágio, portanto, conhecedor da proposta institucional de ensino e das situações vivenciadas pelos enfermeiros preceptores no momento de realização da prática, é que foi proposta a realização desta pesquisa, que teve como objetivo principal estudar a compreensão dos enfermeiros que atuam como preceptores de estágio sobre o ser preceptor e suas contribuições para a formação dos discentes deste curso. Trata-se de um estudo exploratório/descritivo, de abordagem qualitativa, utilizando como instrumento de coleta entrevistas semiestruturadas. O quantitativo dos entrevistados foi limitado conforme os critérios de inclusão e de saturação e os dados analisados por meio da análise de conteúdo de Bardin. Como resultados, foram identificadas três categorias de análise: estágio supervisionado e suas contribuições, o ser preceptor na formação acadêmica e integração academia e serviço de saúde. Foi possível com o estudo entender a compreensão dos enfermeiros sobre o ser preceptor, a relação entre os profissionais das instituições - a

proponente e a parceira no desenvolvimento do estágio supervisionado e revelar processos que podem ser alterados para que haja uma melhora no desenvolvimento do estágio supervisionado.

Palavras-chave: Preceptoria. Enfermagem. Estágios. Compreensão.

* Estudante do Mestrado Profissional em Ensino em Saúde da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM. Diamantina – MG. E-mail: herlonfernandes@hotmail.com

** Professor do Mestrado Profissional em Ensino em Saúde da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM. Diamantina – MG. E-mail: geraldocunhacury@gmail.com

***THE PRECEPTOR ON NURSING: UNDERSTANDING THE WORK AND
CONTRIBUTIONS***

ABSTRACT

The supervised training is a compulsory subject in nursing course curriculum in compliance with the provisions contained in the Law of Guidelines and Bases of National Education, National Curriculum Guidelines for Nursing, among others under standardizations national, state and institutional. The completion of this stage of practice is made from agreements entered into between the institution of higher education and health, receiving trainees who are in process of formation in the last two semesters of the nursing course. In this process, the professionals working in the health institution take the preceptor role, responsible for monitoring, guide and assess students in everyday practice of professional nursing. The contribution of these professionals in the construction of the theoretical / practical knowledge of the trainees will also meet the provisions contained in Article 6 of Law No. 8080/90 of the Unified Health System (SUS). During the training process, the teacher holder of the discipline is co-responsible for monitoring, evaluation and orientation of the actions developed by the students as teaching plan and stage design. Based on the experience gained when the teacher function replacement of the nursing course acting in stage fields, so connoisseur of institutional proposal of teaching and the situations experienced by the preceptors nurses at the time of completion of the practice is that it was proposed to carry out this research that aimed to study the understanding of nurses who act as preceptors stage about being preceptor and his contributions to the formation of the students of this course. This is an exploratory / descriptive study of qualitative approach, using as a collection tool semi-structured interviews. The amount of respondents was limited as the inclusion criteria and saturation and the data analyzed by the Bardin content analysis. As a result, three analytical categories were identified: supervised training and their contributions, the preceptor be in academic training and integration academia and the health service. It was possible to study to understand nurses' understanding about being preceptor, the relationship between the professionals of the institutions - the applicant and partner in the development of supervised training and reveal processes that can be changed so that there is an improvement in the development of supervised training.

Keywords: Preceptorship. Nursing. Stages. Understanding.

3 INTRODUÇÃO

No processo de formação do profissional de nível superior em Enfermagem deve ser assegurado a efetiva integração entre as Instituições de Ensino Superior (IES) e as Instituições de Serviços de Saúde (ISS), nos três níveis de complexidade, atenção primária, secundária e terciária, principalmente quando o assunto abordado é o estágio curricular, cujo objetivo básico é fornecer subsídios para que o aluno possa entender o seu papel como enfermeiro e consolidar os conhecimentos adquiridos na universidade através do planejamento e implementação das atividades práticas.

Segundo a Resolução do Conselho Nacional de Educação, CNE/CES Nº 3, de 7 de novembro de 2001, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais do curso de Enfermagem (DCN-E), o enfermeiro deve ser um profissional com formação generalista, humanista, crítica e reflexiva, com base no rigor científico e intelectual e pautado em princípios éticos. A formação do enfermeiro deve atender as necessidades sociais da saúde, com ênfase no Sistema Único de Saúde (SUS) e assegurar a integralidade da atenção e a qualidade e humanização do atendimento. O artigo 7º desta resolução versa ainda sobre a obrigatoriedade das atividades de estágio nos dois últimos semestres do curso de graduação em enfermagem, a serem desenvolvidas em diferentes espaços, tais como hospitais gerais e especializados, ambulatórios e rede básica de serviços. De acordo com Carvalho e Fagundes (2008), a DCN-E prevê a integração entre a IES e as ISS assegurando a efetiva participação dos enfermeiros do serviço de saúde envolvidos no estágio na elaboração da programação e no processo de supervisão do estágio.

A obrigatoriedade do estágio curricular nos dois últimos semestres implica a participação efetiva dos profissionais enfermeiros que trabalham nos serviços de saúde, atuando como preceptores de estágio. Tanto a legislação do Sistema Único de Saúde (SUS), como a DCN-E preveem a participação dos profissionais dos serviços de saúde na formação e qualificação dos trabalhadores de enfermagem e de saúde. É neste momento, de forma mais direta, que surge a figura do preceptor na formação do discente.

Segundo Botti *et. al.* (2008), em um estudo sobre os papéis dos envolvidos na formação do graduando, desde 1540 a palavra preceptor já era utilizada para designar aquele que dá preceitos ou instruções, educador, mentor, instrutor. Relata ainda ser possível encontrar na literatura diferentes funções para o preceptor, sendo as principais as de orientar, dar suporte, ensinar e compartilhar experiências.

De acordo com Oliveira (2016), a preceptoria é definida como ação ou prática educativa e formativa, executada pelos enfermeiros nas instituições de saúde, desenvolvida juntamente com a assistência aos sujeitos que acessam os serviços.

Esta definição vem ao encontro do que está sendo apresentado neste artigo, o enfermeiro que instrui os estudantes de graduação em enfermagem, na práxis.

No dicionário Houaiss (2009), a atividade desempenhada pelo preceptor é denominada como preceptorado. No entanto, a palavra preceptoria é utilizada tanto nas publicações científicas como nas legislações sobre o tema, podendo assim, ser entendida como expressão de um conceito.

Durante o período do estágio, o discente também é acompanhado pelo enfermeiro docente. Este profissional de carreira, vinculado à IES, tem como objetivo principal, segundo a Lei Federal nº 11.788/2008, o acompanhamento e avaliação do estagiário. A participação desse profissional está reforçada também na Resolução do Conselho Federal de Enfermagem (COFEN) 441/2013 no seu artigo 3º, que diz que o estágio deverá ter acompanhamento efetivo e permanente do enfermeiro docente e do enfermeiro da instituição de saúde.

É de grande importância para a formação do discente que a atuação desses dois profissionais esteja convergindo para um mesmo objetivo em se tratando do estágio supervisionado obrigatório. Para que isso possa acontecer, a própria DCN-E reforça o desejo de integração quando diz que na elaboração da programação e no processo de supervisão do aluno pelo professor em estágio supervisionado será assegurada efetiva participação dos enfermeiros do serviço de saúde no espaço onde se desenvolve o referido estágio.

No entanto, segundo Rodrigues (2012), observa-se que estudantes de enfermagem são encaminhados pelas IES aos serviços de saúde no sentido de desenvolver aprendizagem significativa para a prática, e que a chegada destes acarreta uma divisão de responsabilidades em relação ao ensino, onde há uma linha tênue entre a atuação do preceptor e do tutor, diversas vezes não percebida por ambos os profissionais. Essa dificuldade em definir as funções de cada um faz com que, em algum momento, exista uma sobrecarga de funções, levando os profissionais a assumirem responsabilidades que não são suas, gerando situações de estresse e desconforto normalmente tendo como resultado final, muitas lacunas no processo de ensino aprendizagem do discente.

Com o entendimento do estágio como espaço importante na construção do saber a necessidade de um melhor entendimento do exercício da preceptoria e do papel do preceptor torna-se mais fundamental, tendo em vista que, segundo Oliveira e Daher (2016), para uma

efetiva formação do profissional na área da saúde, é imprescindível a parceria ensino-serviço e que esta se efetiva pela preceptoria.

Devido ao fato do autor ter vivenciado a experiência de acompanhar discentes como enfermeiro docente na supervisão de estágio de graduação em enfermagem, e ter se deparado com situações vivenciadas pelos enfermeiros preceptores que levaram a questionamentos sobre a sua atuação, surgiu à necessidade de entender a compreensão dos enfermeiros que atuam como preceptores de estágio em uma instituição de saúde de Diamantina, Minas Gerais, cenário de ensino aprendizagem do curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), sobre o ser preceptor e suas contribuições para a formação dos discentes deste curso.

4 PERCURSO METODOLÓGICO

Trata-se de um estudo exploratório/descritivo, de abordagem qualitativa, utilizando como instrumento de coleta entrevistas semiestruturadas.

A pesquisa foi realizada em uma instituição de saúde de Diamantina, Minas Gerais, cenário de ensino aprendizagem do curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM). A instituição é uma entidade filantrópica de referência macrorregional. Foi solicitada a concordância da instituição hospitalar onde se realizou o estudo, por meio da assinatura da carta de anuência, pelo seu representante legal.

Para a produção dos dados empíricos foram realizadas entrevistas semiestruturadas e questionário, aplicados pelo pesquisador responsável pelo projeto aos enfermeiros da IES. Os instrumentos de coleta de dados contemplaram questões relacionadas aos aspectos sociais, profissionais e sobre o ser preceptor durante a formação dos discentes do curso de enfermagem, com os seguintes questionamentos: O que você tem a dizer a respeito do estágio supervisionado para a formação dos novos profissionais de enfermagem? Como você percebe a sua função de preceptor dos alunos em estágio supervisionado no seu setor de trabalho? Como você percebe a função do tutor (professor) no estágio supervisionado? Na sua visão o estágio tem trazido contribuições ao serviço? Você enfrenta dificuldades para desempenhar a função de preceptor de alunos em estágio supervisionado? Como tem sido a relação entre a instituição acadêmica (UFVJM) e a assistencial (IES) no que diz respeito ao estágio supervisionado? Que sugestões você poderia dar para o melhor desenvolvimento desse estágio?

A equipe de enfermeiros da ISS é composta atualmente por 30 membros, porém foram convidados a participar do estudo os profissionais que atuam como preceptores de estágio supervisionado na instituição há no mínimo 1 (hum) ano. Somente foram entrevistados os sujeitos que concordaram em participar voluntariamente do estudo e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Devido a grande rotatividade de profissionais, período de férias durante a coleta de dados e não concordância em participar da pesquisa, 6 (seis) enfermeiros que atenderam aos critérios de inclusão foram entrevistados. Foi possível, de forma não intencional, entrevistar um dos enfermeiros que atua nos principais setores de estágio dentro da ISS.

O quantitativo dos entrevistados também levou em conta o critério de saturação. De acordo com Fontanella *et. al.* (2008), a avaliação de saturação teórica, a partir de uma amostra é feita por um processo contínuo de análise dos dados desde o início do processo de coleta. No início das falas dos entrevistados os acréscimos foram evidentes, posteriormente, foram se rareando até que deixaram de aparecer.

Previamente, os sujeitos foram esclarecidos sobre os objetivos da pesquisa e puderam sanar dúvidas em relação à mesma. Para preservar o anonimato das (os) participantes foram atribuídos letras e números para representar os enfermeiros nos depoimentos apresentados nos resultados.

Utilizou-se Análise de Conteúdo, fundamentada na análise temática de Bardin, por meio de degravação e transcrição das entrevistas, pré-análise com leitura superficial e organização inicial do material; leitura com profundidade e exploração; codificação dos dados; tratamento dos dados; categorização e interpretação.

Em todas as etapas foram consideradas as determinações das Resoluções 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde sobre Pesquisa em Seres Humanos. O projeto foi encaminhado para apreciação e aprovação pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), sendo aprovado pelo Parecer Nº 1.589.743.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

As entrevistas possibilitaram, através da análise do conteúdo, compreender o que é o ser preceptor sob a ótica dos enfermeiros preceptores da ISS nas seguintes categorias: estágio supervisionado e suas contribuições; o ser preceptor na formação acadêmica e integração academia e serviço de saúde, conforme descrição a seguir.

5.1 Estágio supervisionado e suas contribuições

Na análise desta categoria temática foi possível conhecer a opinião dos enfermeiros preceptores sobre a importância do estágio supervisionado para os graduandos em enfermagem e para a instituição de saúde que oferece os campos de práticas.

A importância do estágio na formação discente foi descrita como fundamental e relevante por todos os entrevistados. Todos reconhecem a importância desta etapa na consolidação do conhecimento construído na academia. O contato com a realidade foi descrito como fator determinante para o crescimento profissional, conforme os recortes a seguir:

E1: “Eu acho que o estágio é fundamental ne porque os alunos eles vêm com a bagagem mais teórica ne e aqui na pratica que eles vão vivenciar o que realmente acontece.”

E3: “Eu acho que o estágio supervisionado ele é fundamental para o aluno ele ter essa noção, ele conseguir ter essa noção entre teoria e prática.”

E2: “O estágio ele é fundamental ne pelo aprimoramento de técnica.”

Essas opiniões vêm ao encontro com o que diz Rodrigues *et. al.* (2014), onde afirma que o estágio prepara o aluno através do contato com a dinâmica dos serviços de saúde, inclusive na definição da sua posição na equipe multiprofissional. Ainda sobre o mesmo tema Tavares *et. al.* (2011), diz que é por meio do estágio curricular que o graduando aprende a ter mais independência, trabalhar com a equipe multiprofissional, ganhar postura profissional e lidar com o público.

A partir da aquisição destes conhecimentos no processo de estágio, de qual é sua posição na equipe e quais suas obrigações na assistência ao paciente, aliado ao aprimoramento na execução das técnicas, o estagiário passa a ter seu papel compreendido de forma deturpada por alguns preceptores e pela equipe assistencial, que passam a enxergar o aluno não como um aprendiz, mas sim como uma mão de obra a mais para a execução das tarefas. Essa compreensão errônea pode ter sua origem explicada pela sobrecarga de serviço vivenciada pelos enfermeiros preceptores na rotina do serviço e por normalmente trabalharem com um quantitativo mínimo de profissionais em suas equipes.

E1: “A gente percebe que facilita muito em relação pra nós, em relação ao nosso serviço da enfermagem ne, melhora pra gente em termos de agilidade até em resolver as coisas.”

E4: “Os estagiários depois que pegam o serviço ajudam bastante a instituição, as vezes a gente dá pra eles função de treinamento e eles conseguem treinar as equipes, é vantajoso.”

Essa visão de ampliação de mão de obra interfere sobremaneira na formação do discente, uma vez que ele assume o papel de profissional, tornando-se às vezes até referência para funcionários da equipe deixando em segundo plano o papel de aprendiz. Segundo Lopes e Lima (2012), o trabalho do estagiário não deve ser de preencher lacunas e falhas do sistema, e sim uma real parceria para troca de experiências e conhecimentos. Essa transferência de responsabilidades e o desvio do propósito do estágio são confirmados com as falas a seguir:

E6: “...eu vejo as meninas falarem, ah porque é chato, tem que ficar ensinando tudo, mas eu tenho o pensamento no futuro, você ensina hoje pra daqui um mês eles fazem pra você, então eu adoro.”

E1: “...você pode deixar que ele consegue assumir como enfermeiro da clínica mesmo, então eu acho que é sempre vantajoso pra nós”

De acordo com Oliveira (2014), é notório que os estagiários de enfermagem facilitam o trabalho das equipes, porém a maneira e o grau de participação dos acadêmicos na execução das atividades devem ser cuidadosamente planejados, visto que o aprendizado e o exercício coerente com as atribuições do enfermeiro podem ser atribuídos como utilização desmedida dos estagiários nas demandas de trabalho da equipe. Em contraponto à situação descrita, dois preceptores apontaram como contribuição do estágio as atividades de pesquisa e desenvolvimento de projetos:

E3: “Eles vêm eles aprendem e eles sempre trazem uma contribuição né, de treinamentos, de produção mesmo do tcc deles ou trabalho de conclusão do estágio...eu acho que os trabalhos estão ficando mais uteis dando um retorno melhor para o hospital do que antes né.”

E2: “...eles têm sido muito parceiros da santa casa no processo da qualidade, da construção dos processos, atuando no protocolo, dando treinamento, então tá muito atuante.”

Essas contribuições apontadas pelos entrevistados são corroboradas com o que diz Oliveira (2014), onde afirma que o que se espera é a utilização do tempo disponível para otimizar o processo ensino-aprendizagem dos alunos e que isso reverta em benefício para a assistência aos pacientes, refletindo no aproveitamento do estágio e no aperfeiçoamento da equipe.

5.2 O ser preceptor na formação acadêmica

Com base nas respostas dos entrevistados foi possível discutir, sob a ótica dos enfermeiros do serviço, qual é o papel do preceptor na formação do discente.

Segundo Silva *et. al.* (2013), a preceptoria em enfermagem é uma práxis desempenhada pelos enfermeiros dos serviços de saúde. Podemos intitular de preceptor àquele enfermeiro que acompanha, supervisiona, coordena, ensina e aprende com os alunos de graduação em enfermagem no cotidiano da assistência à saúde de indivíduos, grupos e comunidade. Cabe ressaltar que, segundo a autora, ainda existe uma lacuna na construção do conhecimento quando nos deparamos com a escassez de resultados de estudos sobre preceptoria com foco na graduação em enfermagem no Brasil.

Quando indagados sobre a função do preceptor no estágio supervisionado, os entrevistados apontaram atividades que normalmente desenvolvem com os discentes, como o ensino de técnicas específicas, direcionamento do conteúdo teórico a ser estudado, acompanhamento do aluno na execução das tarefas e avaliação final, como podemos ver nas falas seguintes:

E1: “...eu acho que a gente como preceptor fica muito mais próximo deles né, orientando procedimentos, orientando condutas, direcionando mesmo o que eles têm que fazer né.”

E3: “Porque a preceptoria a gente acaba que assume meio o aluno né, informalmente, mas a gente assume, porque o aluno fica 90% do tempo com a gente, a gente que faz a avaliação no final.”

E6: “...ensinar tudo, eles chegam aqui sem saber fazer nada né, porque sabe a teoria, mas de pratica não sabe nada”

Apesar da atuação do preceptor ser de fundamental importância no processo de ensino aprendizagem do discente, o papel do preceptor ainda não é bem compreendido pela universidade, pela ISS e nem pelos próprios enfermeiros do serviço, como descreve Carvalho e Fagundes (2008) em um estudo sobre a inserção da preceptoria na graduação em enfermagem. As autoras relatam que embora o seu papel de facilitador esteja claro, o preceptor se depara com atribuições que não faziam parte da rotina do dia a dia e para as quais não se sente preparado. Juntamente com o despreparo para a execução da preceptoria, os entrevistados apontaram um acúmulo de serviço relacionado ao estágio por não haver divisão de tarefas com o enfermeiro docente. Essas afirmações estão presentes nas falas a seguir:

E1: “...então eu acho que a nossa função ela as vezes até extrapola um pouco em relação ao que é preceptoria né.”

E3: “É o que eu falei antes, assim, eu acho que não tem muito dividido essa questão da preceptoria e supervisão. Hoje eu enxergo uma falha na supervisão do estágio” “eu acho que precisaria ser mais compartilhado, eu sinto falta.”

E6: “...o professor não fica muito com eles, então é o enfermeiro que vai fazer, ensinar tudo.”

Os preceptores foram ainda perguntados sobre qual seria a função do enfermeiro docente, o supervisor da IES, no estágio supervisionado.

Em suas respostas foi atribuído ao enfermeiro docente funções como o acompanhamento do discente no estágio, a tarefa de fazer a conexão entre o conteúdo teórico e a prática, a avaliação do discente e de ser um referencial para sanar as dúvidas que possam surgir como se pode observar nas falas a seguir:

E1: "...mas eu acho que é uma função as vezes mais didática, de ta orientando, de ta fazendo pensar ne, que muitas vezes nos como preceptores nós não temos o tempo de direcionar o aluno pra esse pensamento clinico."

E3: "...é uma peça fundamental porque ele precisa fazer um link entre a teoria aprendida e a pratica, pra ver se realmente o aluno ta sendo capaz de absorver tudo aquilo que ele aprendeu durante os quatro anos da faculdade."

E6: "...o professor tem aqueles debates que as vezes a gente como enfermeiro já não tem mais, aquela questão da cultura de ensinar coisas interessantes, a forma como eles falam, é, debates de enfermagem tal, que a gente não tem, então é interessante."

Segundo Botti *et. al.* (2008) o supervisor tem como objetivo principal desenvolver a competência clínica como um todo, e não apenas as habilidades clínicas, permitindo ao discente ser mais efetivo em seu trabalho.

Sobre a relação entre o docente e o preceptor, Oliveira (2014), diz que o enfermeiro docente deve ser visto para além da função de supervisor, sendo essencial a articulação deste com o preceptor para o desenvolvimento ideal do estágio, possibilitando, de fato, a integração entre ensino e serviço. Essa lacuna entre o enfermeiro docente e os preceptores também emergiu durante as entrevistas. Os entrevistados apontaram um grande distanciamento dos enfermeiros docentes com os preceptores e com os próprios alunos, fator esse, motivo de grande insatisfação entre os preceptores.

E2: "Eu acho que eles tinham que ser mais presente." "...acho que eles ficam muito desamparados em relação ao tutor deles que é da universidade, então eu acho que seria, não sei aumentar, ter um em cada setor, ta mais presente com eles, porque as vezes surge uma demanda deles, a gente também não tem como parar pra ta explicando ele tem que esperar o tutor dele chegar."

E3: "...o tutor tem uma carga teórica muito boa, mas a pratica fica um pouco aquém e isso, se a gente não tiver uma sintonia muito boa com o tutor o aluno sai prejudicado."

E4: "...então o aluno fica aqui meio, a gente que fica como preceptor, é a gente que orienta eles, porque o tutor não consegue abranger todos esses alunos, as vezes eles só chegam para ver chamadas, se o aluno ta no campo, mas não consegue acompanhar os procedimentos, não consegue explicar né, ter aquela função mesmo que deveria ter, eu acho que é bem defasado isso aí."

E6: "Mas aqui era muito raro o professor vim, eles vinham davam uma passadinha, olhadinha e sumiam, então, não sei como funciona lá em cima nos outros setores."

Tavares *et. al.* (2011) aponta como problema encontrado junto aos preceptores a pouca participação dos enfermeiros docentes no acompanhamento do estágio. Segundo os autores, o conjunto formado por graduandos, professor supervisor e enfermeiro preceptor, proporcionaria um maior crescimento para o ensino-aprendizagem. Um professor supervisor mais presente fortaleceria a integração entre a academia e o hospital escola.

5.3 Integração academia e serviço de saúde

Na análise desta categoria pôde-se discutir sobre a relação existente entre a IES e a ISS, no que se refere ao planejamento do estágio curricular e sobre as dificuldades encontradas pelos preceptores para a execução de suas funções, tanto a de enfermeiro da ISS quanto a de preceptor.

Segundo Carvalho e Fagundes (2008), a não participação do preceptor no planejamento do estágio e o desconhecimento acerca do seu papel revelam grandes fragilidades na construção da proposta do estágio. Muitas vezes o que se exige do preceptor é apenas a sua competência técnica e experiência profissional, mas não se cobra dele uma competência didático-pedagógica.

Ainda em relação ao planejamento do estágio, Rodrigues e Tavares (2012) em um estudo sobre o estágio supervisionado de enfermagem na atenção básica, relata que embora haja um reconhecimento das instituições de ensino sobre a necessidade de os preceptores assumirem um papel mais ativo nas políticas pedagógicas, são poucos os cursos onde essa participação se encontra presente desde o planejamento até a avaliação.

Essas afirmativas estiveram presentes nos discursos dos entrevistados, que apontaram que há um distanciamento entre os enfermeiros docentes da IES e os enfermeiros preceptores, tanto no planejamento do estágio quanto no acompanhamento do aluno, fazendo com que, por diversas vezes, a execução das tarefas do estágio fique a cargo somente do preceptor. Apesar de alguns preceptores apontarem uma melhora nessa relação em comparação com os anos anteriores, as reclamações estão presentes no discurso de todos os entrevistados. As falas a seguir descrevem essa situação:

E1: "...agora eu tenho percebido que isso tem ficado melhor ne, assim, discussão sobre os alunos, como é que ta o andamento dos alunos, eu acho que ta mais aberto pra isso do que era antes, mas eu acho que ainda precisa melhorar." "...o tutor tirar um dia da semana pra sentar um pouquinho com os enfermeiros e ver quais que são as demandas as dificuldades de cada aluno porque isso não é programado, não é uma rotina estabelecida, então eu acho que isso faz falta as vezes."

E3: “...eu sinto de alguns professores, que eles poderiam se empenhar mais e estar mais presentes na vida do aluno e não deixar muito na mão do preceptor.” “...alguns tutores eles são presentes, eles ficam, eles fazem parte, mas outros não, outros não tem nem ideia do que eles estão fazendo aqui, eu já tive aluno que ele ficou um semestre inteiro comigo e os professores vieram visitar uma duas vezes.”

Sobre o planejamento do estágio alguns preceptores apontaram que não participam diretamente na construção deste, ficando apenas sob a responsabilidade dos coordenadores de curso da IES. Eles relatam que, após a elaboração da proposta, o planejamento é repassado para eles em um encontro que ocorre antes do início do estágio, conforme as falas seguintes:

E4: “Sempre vem os coordenadores do estágio, conversam com a gente antes, explica tudo que vai acontecer, o nome das alunas que estão no estágio, passa tudo direitinho, o programa de estágio pra gente, tudo organizado, bem organizado.”

E3: “...quem vem são os coordenadores do departamento, os coordenadores do departamento vêm passam o cronograma senta, ficam duas três horas sentados com a gente conversando, passam o cronograma e pronto, depois a gente só recebe os alunos.”

Carvalho e Fagundes (2008) em seu artigo já apontavam que:

“...os enfermeiros relatam que muitas vezes não participam dos acordos estabelecidos com a universidade, bem como do planejamento das atividades do estágio, ficando a seu encargo apenas a execução de um cronograma realizado pelos professores em conformidades apenas com os interesses do calendário acadêmico.”

Ribeiro (2012) diz que o preceptor ainda não é um personagem que atua ativamente nas discussões sobre a construção do aprendizado dos estudantes, em especial, nas discussões pedagógicas e que a falta de participação na criação das parcerias de integração ensino-serviço abre lacunas para diferentes maneiras de ser e de fazer a preceptoria. Essa falta de entendimento sobre o planejamento do estágio acaba prejudicando o discente na consolidação do conhecimento.

Quando perguntados em relação a dificuldades encontradas para exercer a preceptoria, os entrevistados apontaram diversos fatores que influenciam diretamente no desenvolvimento de suas tarefas, como a falta de tempo para ensinar os alunos, pouca participação do tutor, baixo nível de conhecimento apresentado pelos alunos no último ano do curso e despreparo para exercer a função de preceptor. As falas a seguir apresentam esses resultados:

E1: “Olha eu acho que a dificuldade as vezes é nesse sentido de não ter muito tempo pra dedicar ao aluno, a gente não tem aquele tempo de ta explicando o aluno porque que ta fazendo aquilo como é que é que aquilo é feito e fazer associações, ir lá no prontuário que eu acho que é questão que o tutor tem mais tempo para fazer, ne então eu acho que neste ponto a gente fica um pouco mais aquém.”

E3: “...mas essas questões mais básicas que eles tinham que saber de bases técnicas as vezes eles nunca viram, eu já peguei aluno do último período que nunca tinha passado uma nasoentérica, então isso é complicado né, as vezes eu sinto essa falha.”

E4: “...eu acho que eles saem prejudicados porque a gente não vai deixar o serviço da gente ne pra ir orienta-los, então acaba que eles estão ali vendo mesmo, mas tem hora que não tem como abranger tudo.”

E6: “Eu tenho um pouco de dificuldade na questão do que que eu vou ensinar pros meninos hoje, porque como era muito corrido, então as vezes eu acho que faltava, tipo assim, um planejamento.”

Silva *et. al.* (2013) em uma revisão integrativa da literatura sobre a preceptoria na graduação em enfermagem já elencava como principais dificuldades apontadas pelos enfermeiros à falta de tempo para dedicar-se aos estagiários de enfermagem com todas as outras atribuições do serviço; os problemas na infraestrutura do local de trabalho e a falta de preparo profissional, no sentido mesmo de formação educativa para exercer a atividade.

De acordo com Cunha *et. al.* (2010), o acúmulo de funções tem prejudicado a prestação da assistência ao graduando, sendo realizada de forma inadequada. A sobrecarga de serviço conduz a uma preceptoria deficiente, uma vez que, para conseguirem gerir seu tempo de forma eficaz, os preceptores optam por executar alguns procedimentos, ao invés de ensinar e orientar.

Em relação à integração entre a academia e a IES os entrevistados relataram que sentem falta de ter o docente mais próximo durante o período de planejamento e de execução do estágio, mas pontuam que sabem da dificuldade existente para que o professor que está no campo de estágio consiga atuar de forma satisfatória, pois atualmente, no estágio curricular supervisionado de enfermagem há somente um professor para acompanhar todos os alunos em todas as clínicas que os recebem. As falas a seguir exemplificam o que foi dito:

E1: “...o tutor tirar um dia da semana pra sentar um pouquinho com os enfermeiros e ver quais que são as demandas as dificuldades de cada aluno porque isso não é programado, isso acontece esporadicamente por alguns ne, tem uns que são mais interessados, ó como é que esse aluno tá, que que você acha que precisa melhorar, mas não é uma rotina estabelecida, então eu acho que isso faz falta as vezes.”

E3: “...eu sinto de alguns professores, que eles poderiam se empenhar mais e estar mais presentes na vida do aluno e não deixar muito na mão do preceptor.”

E4: “...porque não tem como um tutor para todos os departamentos, não tem como o enfermeiro da instituição ta pegando essa responsabilidade.”

Esses fatos surgiram também no estudo de Carvalho e Fagundes (2008), onde as autoras apontam que a desarticulação entre a unidade hospitalar e a universidade,

caracterizada pela falta de um acompanhamento mais sistemático do estágio por parte dos professores, faz com que esses preceptores se sintam sem o suporte pedagógico necessário para o desenvolvimento do seu papel de mediadores da aprendizagem.

Como forma de sugestão, foi perguntado aos preceptores o que poderia ser alterado para que haja melhorias no estágio supervisionado. Entre as diversas opiniões que foram pontuadas, algumas se destacaram mais por terem sido lembradas pela maioria dos entrevistados, como a presença de um número maior de tutores, um maior contato dos tutores com os preceptores no que se diz respeito à execução e planejamento do estágio e a realização de treinamentos e cursos voltados para os preceptores sobre metodologias de ensino e avaliação.

E1: “Uma seria essa, de ter uma rotina em relação à quando o tutor e o preceptor vão conversar e as vezes até incluir esse aluno também.” “...então eu acho que precisava de uma discussão maior entre a preceptoria e os tutores.”

E2: “Então eu acho que teria que ter essa rotatividade em todos os setores pra eles terem uma visão mais ampla mesmo.”

E3: “...então eu acho que todos os professores deveriam fazer isso, todos os tutores, igual essa professora fez, ela me acompanhou, ela acompanhou a minha rotina do pronto atendimento, ficou uma semana, depois voltou e viu e interagiu com a equipe, então quando ela chegou com o aluno ela já tinha um domínio daquele setor.”

E4: “Eu acho que o principal é a contratação de mais tutores, que acho que com um tutor em cada, pelo ou menos nos ambientes fechados.”

E6: “...mas eu acho que os enfermeiros dos setores deveriam ter um, não sei se é treinamento a palavra, mas alguma coisa do tipo pra poder ensinar a gente a ser professor, porque naquele período a gente tá com os alunos, nós não somos professores, nós somos enfermeiras.” “...alguma forma que a gente pudesse ter um contato com os professores deles ou com uma avaliação deles, é pra gente aprender a ensinar melhor, aprender como tratar, como, o que fazer, sabe, acho que alguma coisa que nos ensinasse a ser um preceptor melhor pra eles.”

Tavares *et. al.* (2011) e Silva *et. al.* (2013) comentam em seus estudos que a aproximação entre preceptores e professores representa um grande passo na divisão de responsabilidades entre a universidade e a IES na formação dos novos enfermeiros. Essa relação melhoraria se academia estivesse mais presente no dia a dia do serviço, oferecendo apoio e estímulo. A universidade tem um importante papel na formação de preceptores, aproximando-os de questões próprias do processo de ensino e colocando-os em contato com a realidade acadêmica, através de cursos de atualização e participação em eventos científicos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das falas dos preceptores pôde-se perceber que apesar de todos reconhecerem a importância do estágio supervisionado na formação do discente, ainda há a visão do aluno como mão de obra durante o exercício do estágio. Essa distorção de finalidade traz prejuízos para o discente em relação ao seu aprendizado.

Em relação às suas funções e as do enfermeiro docente os entrevistados mostraram que, apesar de terem pontuado algumas tarefas de cada um, não souberam delinear as obrigações de cada profissional. O não entendimento dos papéis de cada participante deste processo gera insatisfação por parte dos preceptores, que relatam haver um acúmulo de funções e passam a não enxergar o enfermeiro docente como um profissional atuante no estágio.

O distanciamento dos preceptores com a academia de uma forma geral ficou evidenciado em suas falas. Os preceptores relataram não participar do planejamento do estágio supervisionado, atuando apenas como executores de um modelo estabelecido previamente, diferentemente do que é previsto nas DCN-E.

A partir dos resultados obtidos com o presente estudo pode-se afirmar que existe a necessidade de maior integração entre os enfermeiros preceptores das instituições de saúde parceiras com a equipe responsável pelo estágio supervisionado da instituição de ensino proponente. Essa integração dever-se-á acontecer tanto no processo de construção, desenvolvimento e avaliação da proposta de estágio, quanto na inserção dos enfermeiros preceptores em atividades de formação continuada, promovidas pela IES como cursos, seminários e palestras sobre o tema, sugestões essas que foram apontadas também pelos entrevistados.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 4. ed. Lisboa: Edições 70, 2011. 280 p.

BOTTI, S. H. de O.; REGO, S. **Preceptor, Supervisor, Tutor e Mentor: Quais são Seus Papéis?** Revista Brasileira de Educação Médica, Rio de Janeiro, v. 2, n. 32, p.363-373, jan. 2008.

BRASIL. Congresso. Senado. **Lei Nº 11.788**, de 25 de setembro de 2008. Brasília, DF.

BRASIL. Câmara dos Deputados. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Edições Câmara. Brasília, ed. 9ª, p.48, maio. 2014.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. **Resolução nº 466/2012**. Dispõe sobre pesquisas envolvendo seres humanos. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/comissao/conep/resolucao.html>. [Acessado em 3 de dezembro de 2015].

BRASIL. Lei 8.080, de 19 de setembro de 1990. Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 19 set. 1990. Seção 1. Disponível em: <http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/Lei8142.pdf>. [Acessado em: 27 de junho de 2016].

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. **Resolução nº 510/2016**. Dispõe sobre pesquisas envolvendo seres humanos. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/comissao/conep/resolucao.html>. [Acessado em 27 de junho de 2016].

BRASIL. **Resolução nº 3**, de 7 de novembro de 2001. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem. Resolução CNE/CES Nº 3.

CARVALHO, E. S. de S.; FAGUNDES, N. C. **A inserção da preceptoria no curso de graduação em enfermagem**. Rene, Fortaleza, v. 9, n. 2, p.98-105, jun. 2008.

COFEN. **Resolução nº 441, de 2013**. Dispõe sobre participação do Enfermeiro na supervisão de atividade prática e estágio supervisionado de estudantes dos diferentes níveis da formação profissional de Enfermagem. Resolução Cofen Nº 441/2013. Brasília, DF, maio 2013.

CUNHA, M. *et. al.* **Atitudes do enfermeiro em contexto de ensino clínico**: uma revisão da literatura. Repositório: Millenium, [s. L.], v. 1, n. 38, p.271-282, jun. 2010.

FONTANELLA, B. J. B, *et. al.* **Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde**: contribuições teóricas. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 24, n.1, p.17-27, jan. 2008.

HOUAISS, A. **Pequeno Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Brasil: Moderna, 2009. 1176 p.

LOPES, S. R. de A.; LIMA, J. M. F. **A parceria universidade-instituição de saúde e sua importância na formação do aluno de graduação em psicologia**. Psicologia: Teoria e Prática, São Paulo, v. 14, n. 3, p.111-122, jun. 2012.

OLIVEIRA, A. G. de. **Estágio supervisionado em enfermagem: visão de preceptores**. 2014. 80 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Enfermagem, Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2014.

OLIVEIRA, B. M. F.; DAHER, D. V. **Prática educativa do enfermeiro preceptor no processo de formação**: o ensinar e o cuidar como participantes do mesmo processo. Docência no Ensino Superior, Belo Horizonte, v. 6, n. 1, p.113-138, abr. 2016.

RIBEIRO, E. C. O. **Exercício da preceptoria: espaço de desenvolvimento de práticas de educação permanente**. Revista Hospital Universitário Pedro Ernesto, Rio de Janeiro, v. 11 (Supl. 1), p. 77-81, 2012.

RODRIGUES, A. M. M. et al. **Preceptoria na perspectiva da integralidade**: conversando com enfermeiros. Revista Gaúcha de Enfermagem, Rio Grande do Sul, v. 2, n. 35, p.106-112, jun. 2014.

RODRIGUES, A. M. M. **A preceptoria em campos de prática na formação do enfermeiro em universidades de Fortaleza - Ceará**. 2012. 133 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Cuidados Clínicos em Enfermagem e Saúde, Centro de Ciências da Saúde, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2012.

RODRIGUES, L. M. S.; TAVARES, C. M. de M. **Estágio supervisionado de enfermagem na atenção básica**: o planejamento dialógico como dispositivo do processo ensino-aprendizagem. Rene, Fortaleza, v. 5, n. 13, p.1075-1083, set. 2012.

SILVA, V. C. da.; VIANA, L. de O.; SANTOS, C. R. G. C. dos. **A preceptoria na graduação em enfermagem**: uma revisão integrativa da literatura. Revista de Pesquisa: Cuidado é Fundamental Online, Rio de Janeiro, v. 5, n. 5, p.20-28, dez. 2013.

TAVARES, P. E. N. et al. **A vivência do ser enfermeiro e preceptor em um hospital escola**: olhar fenomenológico. Rene, Fortaleza, v. 4, n. 12, p.798-807, dez. 2011.

ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) ENFERMEIROS (AS)

Você está sendo convidada (o) a participar de uma pesquisa intitulada “O SER PRECEPTOR NA ENFERMAGEM: do entendimento às contribuições”, na qual você será sujeito da pesquisa, em caso de concordância em participar, sob a coordenação do Mestrando Herlon Fernandes de Almeida e contará ainda com a orientação do Professor do Mestrado Ensino em Saúde: Dr. Geraldo Cunha Cury (Orientador).

A sua participação não é obrigatória sendo que, a qualquer momento da pesquisa, você poderá desistir e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo para sua relação com o pesquisador, com a Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM) ou com a Santa Casa de Caridade de Diamantina (SCCD).

Os objetivos desta pesquisa são: analisar a compreensão dos enfermeiros atuantes em uma instituição de saúde, cenário de ensino aprendizagem do curso de graduação em enfermagem da UFVJM, sobre o ser preceptor durante a formação dos discentes deste curso, analisar o entendimento sobre a atuação do preceptor nos campos de estágio, discutir as atribuições dos preceptores e tutores, levando em conta a relação existente entre eles e entre a instituição de ensino superior e o hospital.

A equipe de enfermeiros da SCCD é composta atualmente por 30 membros, porém serão convidados a participar do estudo, os profissionais que atuam como preceptores na instituição, há pelo ou menos 1 (hum) ano.

Caso você decida aceitar o convite, será submetido (a) aos seguintes procedimentos: entrevista semiestruturada e questionário, aplicados pelo pesquisador responsável pelo projeto. O tempo previsto para submissão a cada entrevista / questionário é de no máximo 2 (duas) horas. A realização da coleta de dados será em sala própria dentro da Santa Casa de Caridade, resguardando assim, o sigilo, a privacidade e salubridade na realização do estudo.

O presente estudo por envolver a realização de entrevista / questionário pelo pesquisador apresenta risco mínimo aos sujeitos da pesquisa, uma vez que, não haverá procedimentos invasivos. Poderá gerar desconforto no momento de responder às perguntas que poderão levar a um receio de identificação. Assim, o pesquisador se compromete a explicar o objetivo da pesquisa e não haverá necessidade de identificação nominal, será

garantido também o direito livre e irrestrito de não responder a qualquer dos questionários, caso se sinta constrangido em responder quaisquer das perguntas constantes destes.

Além disso, nos comprometemos a considerar e a utilizar todos os preceitos das Resoluções 466/2012 e 510/2016 em todos os momentos da pesquisa. Não haverá em hipótese alguma a identificação dos indivíduos envolvidos e nem das características que possam identificá-los.

Os benefícios relacionados com a sua participação poderão ser, em posse dos resultados obtidos, propor melhorias entre os elos preceptores, tutores e discentes, visando um aperfeiçoamento do ensino nos cenários de prática e contribuir para solidificar a integração entre a universidade e a instituição de saúde.

Os resultados desta pesquisa poderão ser apresentados em seminários, congressos e similares, entretanto, os dados / informações obtidas por meio da sua participação serão confidenciais e sigilosas, não possibilitando sua identificação. A sua participação bem como a de todas as partes envolvidas será voluntária, não havendo remuneração para tal. Qualquer gasto financeiro da sua parte será ressarcido pelo responsável pela pesquisa. Não está previsto indenização por sua participação, mas em qualquer momento se você sofrer algum dano, comprovadamente decorrente desta pesquisa, terá direito à indenização.

Você receberá uma cópia deste termo onde constam o telefone e o endereço do pesquisador principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sobre sua participação agora ou em qualquer momento.

Coordenador do Projeto: Herlon Fernandes de Almeida

Endereço: Rua João Evangelista da Rocha, nº 635, Bairro Vila Operária, Diamantina – MG.

Telefone: (38) 99942-5057

Declaro que entendi os objetivos, a forma de minha participação, riscos e benefícios da mesma e aceito o convite para participar. Autorizo a publicação dos resultados da pesquisa, a qual garante o anonimato e o sigilo referente à minha participação.

Nome do sujeito da pesquisa: _____

Assinatura do sujeito da pesquisa: _____

Informações – Comitê de Ética em Pesquisa da UFVJM Rodovia MGT 367 - Km 583 - nº 5000 - Alto da Jacuba – Diamantina/MG CEP39100-000 - Tel.: (38)3532-1240

COORDENADOR: PROF. DR. DISNEY OLIVER SIVIERI JÚNIOR

SECRETARIA: ANA FLÁVIA DE ABREU

E-mail: cep.secretaria@ufvjm.edu.br e/ou cep@ufvjm.edu.br

ANEXO B - PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O SER PRECEPTOR NA ENFERMAGEM: DO ENTENDIMENTO ÀS CONTRIBUIÇÕES

Pesquisador: Herlon Fernandes de Almeida

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 56297516.9.0000.5108

Instituição Proponente: Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.589.743

Apresentação do Projeto:

Trata-se de um estudo fenomenológico, com objetivo exploratório /descritivo, de abordagem quanti- qualitativa, com o objetivo de discutir a compreensão dos enfermeiros atuantes em uma instituição de saúde, cenário de ensino aprendizagem do curso de graduação em enfermagem da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), sobre o ser preceptor durante a formação dos discentes deste curso. Pretende-se descrever o entendimento sobre a atuação do preceptor nos campos de estágio, discutir as diferenças nas atribuições entre preceptores e tutores, levando em conta a relação existente entre eles, a instituição de ensino superior e o hospital. Além disso, em posse dos resultados obtidos, propor melhorias entre os elos preceptores, tutores e discentes, visando um aperfeiçoamento do ensino nos cenários de prática e contribuir para solidificar a integração entre a universidade e a instituição de saúde.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Analisar a compreensão dos enfermeiros atuantes em uma instituição de saúde, cenário de ensino aprendizagem do curso de graduação em enfermagem da UFVJM, sobre o ser preceptor durante a formação dos discentes deste curso.

Objetivo Secundário:

Analisar o entendimento sobre a atuação do preceptor nos campos de estágio. Discutir as atribuições dos preceptores e dos tutores, levando em consideração a relação existente entre eles. Ressaltar sobre a relação existente entre a instituição de ensino superior e a instituição de saúde. Propor melhorias na relação entre preceptores, tutores e discentes a partir dos resultados obtidos.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Os riscos que o estudo está susceptível são mínimos por não se tratar de procedimentos invasivos. Caso gere algum desconforto no momento de responder às perguntas, que poderá levar a um receio de identificação, o pesquisador se compromete a explicar o objetivo da pesquisa e abordará que não haverá necessidade de identificação nominal. Será garantido

também o direito livre e irrestrito de não responder a qualquer dos questionários, caso se sinta constrangido em responder quaisquer das perguntas constantes destes.

Benefícios:

Espera-se com esse trabalho revelar a compreensão dos enfermeiros atuantes em uma instituição de saúde sobre o ser preceptor durante a formação dos discentes do curso de graduação em enfermagem da UFVJM. Pretende-se ainda analisar o entendimento sobre a atuação do preceptor nos campos de estágio, discutir sobre as atribuições de cada um, preceptores e tutores, levando-se em consideração a relação existente entre eles e entre a instituição de ensino superior e o hospital. Além disso, em posse dos resultados obtidos, propor melhorias entre os elos preceptores, tutores e discentes, visando um aperfeiçoamento do ensino nos cenários de prática e contribuir para solidificar a integração entre a universidade e a instituição de saúde.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Metodologia Proposta:

Trata-se de um estudo fenomenológico, com objetivo exploratório/descritivo, de abordagem quanti- qualitativa, uma vez que implica considerar o sujeito do estudo em uma determinada condição social. Para a produção dos dados empíricos serão realizadas entrevistas semiestruturadas e questionário, aplicados pelo pesquisador responsável pelo projeto, aos enfermeiros da Santa Casa de Caridade de Diamantina. Os instrumentos de coleta de dados contemplam questões relacionadas aos aspectos sociais, profissionais e sobre o ser preceptor durante a formação dos discentes deste curso.

Critério de Inclusão:

Serão convidados a participar do estudo os profissionais da instituição que atuam como preceptores de estágio na graduação. Serão pesquisados os sujeitos que concordarem em participar voluntariamente do estudo e assinarem o TCLE. Metodologia de Análise de Dados: Utilizar-se-á Análise de Conteúdo, fundamentada na análise temática, por meio de gravação e transcrição das entrevistas; pré-análise com leitura superficial e organização inicial do material; leitura com profundidade e exploração; codificação dos dados; tratamento dos dados e interpretação.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Foram apresentados o projeto de pesquisa, a folha de rosto, o cronograma e o TCLE.

Recomendações:

O projeto em questão dispensa análise ética, mas pode ser desenvolvido, tendo em vista que tem como objetivo a melhoria de um serviço específico.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

De acordo com a Resolução CNS 466/12, item II.12 - define-se como pesquisa "processo formal e sistemático que visa à produção, ao avanço do conhecimento e/ou à obtenção de respostas para problemas mediante emprego de método científico"

A partir desse conceito, podemos entender que pesquisas que tenham como objetivo apenas o monitoramento de um serviço, para fins de sua melhoria ou implementação, não visam a obter um conhecimento generalizável, mas apenas um conhecimento que poderá ser utilizado por aquele serviço ao qual se destina e, dessa forma, não necessita de análise ética.

Considerações Finais a critério do CEP:

De acordo com a Resolução CNS 466/12, item II.12 - define-se como pesquisa "processo formal e sistemático que visa à produção, ao avanço do conhecimento e/ou à obtenção de respostas para problemas mediante emprego de método científico"

A partir desse conceito, podemos entender que pesquisas que tenham como objetivo apenas o monitoramento de um serviço, para fins de sua melhoria ou implementação, não visam a obter um conhecimento generalizável, mas apenas um conhecimento que poderá ser utilizado por aquele serviço ao qual se destina e não necessitam de análise ética.

Continuação do Parecer: 1.589.743

Situação do Parecer:

Retirado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

DIAMANTINA, 14 de Junho de 2016

Assinado por:

Disney Oliver Sivieri Junior (Coordenador)

APENDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM OS ENFERMEIROS PRECEPTORES

PARTE I – PERFIL PROFISSIONAL DOS ENTREVISTADOS

1. Idade:
2. Sexo: () Masculino () Feminino
3. Nível de formação:
() Graduação () Especialização concluída () Especialização em andamento () Mestrado concluído () Mestrado em andamento () Doutorado concluído () Doutorado em andamento
4. Tempo de formação em enfermagem:
5. Tempo de atuação como enfermeiro na Santa Casa de Caridade de Diamantina (SCCD):
6. Atuação como docente: () Sim () Não
7. Setor de trabalho:
8. Frequência (número de semestres) com que foi preceptor de alunos em estágio supervisionado em seu setor de trabalho na SCCD:
9. Último semestre em que atuou como preceptor (mês/ano):

PARTE II – QUESTÕES NORTEADORAS - ENTREVISTA

1. O que você tem a dizer a respeito do estágio supervisionado para a formação dos novos profissionais de enfermagem?
2. Como você percebe a sua função de preceptor dos alunos em estágio supervisionado no seu setor de trabalho?
3. Como você percebe a função do tutor (professor) no estágio supervisionado? Fale um pouco sobre isto.
4. Na sua visão o estágio tem trazido contribuições ao serviço? Fale um pouco sobre isto.
5. Você enfrenta dificuldades para desempenhar a função de preceptor de alunos em estágio supervisionado? Fale um pouco sobre isto.
6. Como tem sido a relação entre a instituição acadêmica (UFVJM) e a assistencial (SCCD) no que diz respeito ao estágio supervisionado?
7. Que sugestões você poderia dar para o melhor desenvolvimento desse estágio na SCCD?